

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11

Número 2

Dezembro 2022

EUFORIA, ARREPIOS E LÁGRIMAS: UMA REFLEXÃO A RESPEITO DO CULTIVO DAS EMOÇÕES NOS EVENTOS DA IGREJA EVANGÉLICA

EUFHORIA, CHILLS AND TEARS: A REFLECCION ABOUT CULTIVATION OF EMOTIONS IN THE EVANGELICAL CHURCH EVENTS

Ma. Hariet Wondracek Krüger¹

RESUMO

Este artigo discorre sobre o cultivo das emoções em diversos segmentos e eventos coletivos e individuais da igreja evangélica. Primeiramente, aborda a origem das emoções, considerando a sua fisiologia, o ambiente em que ocorre e as lembranças e associações que o estimulam. Em seguida, classifica as emoções humanas individuais primárias, bem como as emoções coletivas e seus efeitos. A terceira parte desta reflexão analisa ocorrências emotivas na Bíblia, tanto nos relacionamentos pessoais como nos comunitários. Há associação da ação do Espírito Santo na totalidade do ser pessoal que também está relacionada a tomadas de resoluções, chamados específicos e mudanças em toda a comunidade.

Palavras-chave: Emoção. Relacionamentos. Eventos.

ABSTRACT

This article is about the cultivation of emoticons in various segments and collective or individual events from de Evangelical Church. At first, this work approaches the origin os emotios, considering its physiology, the environment in wich it occurs and the memories and associations that stimulate it. Then, the presento research classifies primary individual human emotions, as well as the

¹ A autora é Bacharel em Música Sacra pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (Rio de Janeiro), Bacharel em Sociologia pela UNIJUI (Ijuí), pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER (Curitiba), Mestre em Teologia com ênfase em Ministério da Música pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Mestre em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná (Curitiba). Professora e psicopedagoga na Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS). Email: harietwk@hotmail.com

collective ones and their effects. Finally, the third part of this reflection analyses emotional occurrences in the Bible, both in personal and Community relationships. There is an association between the action of the Holy Spirit and the totality of the personal being, which is also related to decision-making, specific callings and changes in the entire Community.

Keywords: Emotions. Relationships. Events.

INTRODUÇÃO

Quando se trata de emoções, deve-se estar consciente de que é assunto delicado e sem consenso final. É conhecido o fato de que as sensações e fortes sentimentos são estimulados nos eventos das igrejas evangélicas, considerando-os como “ação do Espírito Santo”, imprescindível nas tomadas de decisão ao lado de Cristo, nos chamados específicos, nas mudanças de rumo de vida pessoal.

Assim, surge a pergunta: até que ponto deve-se valorizar o cultivo das emoções nos eventos evangélicos? Não há resposta definitiva, mas uma reflexão a respeito do assunto é válida. Para isto, na primeira parte serão definidas, de forma simples, as origens fisiológicas, ambientais e associativas das emoções. Em seguida, haverá a abordagem a respeito dos tipos de emoções individuais primárias e as emoções coletivas, ocorridas em pequenos ou grandes grupos. Finalmente, na terceira parte, se abordará a ocorrência de emoção e fortes sentimentos na Bíblia e a suas relações com a ação do Espírito Santo.

1. ORIGENS DAS EMOÇÕES

Emoções e sentimentos variam de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, mas todos têm várias origens, considerando os fatores “de dentro para fora”, na parte fisiológica, e “de fora para dentro”, na parte do ambiente em que ocorrem ou nas lembranças que propiciam, bem como suas associações com fatos de vida ocorridos ou nas decisões tomadas.

1.1 A ORIGEM FISIOLÓGICA

Emoções humanas detêm grande variação, e nunca são iguais de pessoa para pessoa. Mas todas elas, de acordo com o temperamento pessoal e fatores diversos incluídos nesta reflexão, passam por um sistema fisiológico semelhante. Entre dois neurônios podem ocorrer até dois milhões de sinapses. Considerando o fato de que há 100 bilhões deles no cérebro, percebe-se que há um número incalculável de possibilidade de comunicação. Não é possível reproduzi-los artificialmente.² Ainda há de se considerar o importante conceito de que “sinapse” é o impulso nervoso entre uma célula nervosa e outra.³

Fisiologicamente, a amígdala cortical, pequeno órgão no cérebro em forma de amêndoa, é responsável pelas questões emocionais. Ela funciona como um depósito de memória emocional, e, portanto, dá significado aos sentimentos. Se for retirada do cérebro, a pessoa se torna incapaz de “avaliar o significado emocional dos fatos”.⁴

Goleman divide a mente em duas partes: a de baixo é veloz, intuitiva, rápida, urgente, movida por emoções. A de cima é mais lenta, reflexiva, racional, esforçada, sede do autocontrole.⁵ Ambas, entretanto, são centralizadoras de sensações mentais e corporais. Ao sentir fortes emoções, todo o corpo e todas as atividades são dirigidos por elas. É o que acontece com um jovem jogador de videogames,

² COQUEREL, Patrick Ramon Stafin. **Neuropsicologia**. Curitiba: Ibpex, 2011, p. 101.

³ COQUEREL, 2011, p. 44.

⁴ GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2.ed. Tradução de Fabiano Morais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 40-41.

⁵ GOLEMAN, Daniel. **Foco**: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Tradução de Cássia Zanon. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 32.

extremamente concentrado em sua atividade eletrizante, ainda que virtual. Goleman afirma que, em pesquisa feita nos Estados Unidos, 8 % dos jovens de 8 a 18 anos, jogadores de videogames, se encaixam nos “critérios diagnósticos da psiquiatria para o vício”, ou seja, dependem daquele estímulo forte e emocional para se manterem funcionando.⁶

Neste ponto, é necessário estar ciente do fato de que é necessário para o ser humano filtrar geograficamente as emoções. Reinke afirma que “Somos criaturas moldadas por aquilo que atrai nossa atenção – e aquilo que prestamos atenção se torna nossa realidade objetiva e subjetiva”.⁷ Isto é o que Goleman chama de “atenção seletiva”, que regula a emoção. É um dos recursos para acalmar a amígdala agitada.⁸

Diante destes fatos, Goleman afirma que a emoção também traz dois tipos de distração, denominados de “distração sensorial” (percepção do ambiente) e “distração emocional” (criador de tumultos internos, sentimentos frustrados), que fazem com que a pessoa se coloque na posição de resolver o que fazer com a situação.⁹ Ao deixar-se dominar pela amígdala sensível e irritada, as emoções afloram, pois as emoções levam a tomar providências imediatas, deixando o intelecto de lado: perigos, dores, perspectivas diante da necessidade de não perder o rumo. “Cada tipo de emoção que vivenciamos nos predispõe para uma ação imediata”.¹⁰

A partir deste ponto, entram canais não verbais como o tom de voz, gestos, expressões faciais e outros. “As emoções das pessoas raramente são postas em palavras; com muito mais frequência, são expressas de outras formas”.¹¹ E, no caso de haver o ambiente propício para que isto ocorra, é possível que a emoção tome conta da mente completamente, sendo totalmente dirigida por ela. Goleman se refere à parte fisiológica afirmando que “A amígdala pode abrigar lembranças e repertórios de respostas que interpretamos sem compreender bem. (...) é um repositório de impressões emocionais e lembranças do que não temos plena consciência”.¹² Este é o motivo para analisar a formação das emoções a partir do ambiente em que foram formadas.

1.2 A ORIGEM AMBIENTAL

Não há dúvidas de que tudo neste mundo se encontra rodeado de algum ambiente. Especialmente, o ser humano depara com um “grande ‘x’” chamado universo, “e a única maneira de começar a entendê-lo é usando nossos sentidos (visão, audição, peso medida) e usando nossa razão para coordenar as sensações e percepções que temos”.¹³

Mesmo na falta de um destes detectores ambientais, é notória sua influência sobre as emoções. Por isto, há uma preocupação crescente na criação de ambientes propícios para os trabalhos evangélicos, de todas as formas. Luzes, som e símbolos diversos fazem parte das programações, e demandam considerável investimento financeiro. Os eventos se tornam verdadeiros espetáculos. “Imagens puxam as rédeas de nossas ações. (...)Imagens querem nossa celebração, nosso deslumbre, nossa afeição, nosso tempo e nossa indignação”.¹⁴

A imagem é um dos veículos que transporta o ser humano para o berço das emoções. Sayão

⁶ GOLEMAN, 2014, p. 15.

⁷ REINKE, Tony. **A guerra dos espetáculos: o cristão na era da mídia**. Tradução de Vinícius Pimentel. São José dos Campos: Fiel, 2020, p. 25.

⁸ GOLEMAN, 2014, p. 79.

⁹ GOLEMAN, 2014, p. 22.

¹⁰ GOLEMAN, 2012, p. 30.

¹¹ GOLEMAN, 2012, p. 118-119.

¹² GOLEMAN, 2012, p. 45.

¹³ ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamin Delgado Fernandes. Viços: Ultimato, 2015, p. 56.

¹⁴ REINKE, 2020, p. 21.

chama a atenção para o fato de que muitas igrejas evangélicas no Brasil reproduzem este “universo mágico” através de símbolos judaicos, afastando-se da “cosmovisão hebraica e bíblica”. Há uma mistura de “elementos de nossa própria cultura brasileira revestida de símbolos judaicos”.¹⁵

Não é sem razão esta preocupação com o ambiente. Rookmaaker afirma que “fé e racionalidade não excluem uma da outra. Mas o racionalismo é algo diferente: significa que nada mais há no mundo a não ser que os sentidos possam perceber e a razão, compreender”.¹⁶ Portanto, o que se vê e o que se ouve tem tudo a ver com as emoções.

A imagem é normalmente associada ao som e à música. Há um preparo prévio para tal, com danças coletivas, coreografias, até mais do que para a música. As bandas tocam em som muito alto com ritmo de *rock*, *funk*, samba ou outro ritmo que anime o povo, com gestos e coreografias. Parece ser uma bênção coletiva, causada pela participação.¹⁷ Os eventos evangélicos são, desta forma, planejados para criar emoções. Morgenthaler se refere a estes elementos como “coletivos de adoração”, com todo o acompanhamento musical, teatro, apresentações em *Power Point*, todos momentos altamente emocionais. Mas existe a necessidade de pensar também no fator mental, sem dúvida.¹⁸

Ao se pensar em imagem e som, soma-se ainda o fator emocional do movimento corporal, trazido justamente pela renovação carismática e amplamente adotado pela maioria das igrejas evangélicas. Há uma propagação de reações químicas, pois o campo límbico do cérebro reage produzindo adrenalina e jogando-a na corrente sanguínea. Desperta-se assim todo o tipo de emoções. O som pode até alterar a pressão sanguínea, o batimento cardíaco, e, sem dúvida, mexe com a tensão ou relaxamento muscular.¹⁹ Todo o corpo fica assim envolvido em emoção, em movimentos que repetem o piscar das luzes, o ritmo da batida, o som alto. E para que as emoções sejam completas, entra o novo fator: as associações da memória.

1.3 A ORIGEM NA MEMÓRIA

Coquerel afirma que “a percepção liga a sensação a uma memória”.²⁰ Isto significa que quando se percebe certo ambiente com todos os seus recursos tecnológicos visuais e auditivos, há uma imediata compensação na memória que “compara o que está acontecendo com o que aconteceu no passado”.²¹ Muita emoção vem à tona ao ligar-se o acontecimento atual com algo, bom ou decepcionante, que aconteceu no passado.

Nos eventos e cultos evangélicos há evidente associação de sons, hinos, coreografias, com acontecimentos e até mesmo decisões do passado. A memória é algo maravilhoso, e deve mesmo ser cultivada da forma certa, como afirma Jeremias: “Todavia, lembro-me também do que me pode dar esperança” (Lm 3.21, NVI). O papel da memória é, de fato, importante, pelas conexões que possibilita. Coquerel afirma que “Quanto mais associações fazemos, mais tendemos a memorizar informações”.²² Além disto, ainda de acordo com o mesmo autor “são elas que marcam as mudanças em nossas formas peculiares de sentir, pensar e agir”.²³

Ao mesmo tempo em que as lembranças ativam as emoções, a atualização das percepções também

¹⁵ SAYÃO, Luiz. O filosemitismo e a Reforma Protestante. In: ZÁGARI, Maurício (org.). **Uma nova reforma: 500 anos, o que ainda precisa mudar?** São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 103.

¹⁶ ROOKMAAKER, 2015, p. 55.

¹⁷ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1999, p. 8-9.

¹⁸ MORGENTHALER, Sally. Adoração emergente. In: BASDEN, Paul. **Adoração ou Show? Críticas e defesas de seis estilos de culto.** Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Vida, 2006, p. 231.

¹⁹ LUIZ, Gesse. **Caminhos e descaminhos na história da liturgia cristã.** Curitiba: ADSantos, 2016, p. 125.

²⁰ COQUEREL, 2011, p. 115.

²¹ GOLEMAN, 2012, p. 46.

²² COQUEREL, 2011, p. 46.

²³ COQUEREL, 2011, p. 61.

traz a necessidade de reorganizá-las, com novas significações. Morgenthaler afirma que “lembrar bem é recontextualizar o passado ao presente, fundir o melhor de ontem com o melhor de hoje e, durante o processo, gerar algo completamente novo”.²⁴

Entender os mecanismos da formação das emoções no ser humano é importante para poder classificá-las, a fim de torná-las proveitosas e construtivas, tanto individualmente como nos trabalhos coletivos que são parte importante do povo evangélico do mundo todo.

2. TIPOS DE EMOÇÃO

2.1 EMOÇÕES PRIMÁRIAS INDIVIDUAIS

Há muita diferença entre as formas de sentir as emoções, considerando que estas são “um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos e uma gama de tendências para agir”.²⁵ Devido a sofrimentos anteriores, por exemplo, evita-se ao máximo passar pelas mesmas situações. “Vivemos procurando obter vida uns dos outros e nos protegendo de fatores que consideramos ameaças à nossa integridade”.²⁶

Há sentimentos muito controversos em relação aos impulsos de eliminar as emoções trazidas pelo sofrimento, por exemplo. Na vida individual, pode estar presente o sentimento decepcionante e negativo do mundo que assim se apresenta. Seria bom que os líderes evangélicos “falassem com mais frequência de sua luta contra o orgulho ou a indiferença, por exemplo”.²⁷

Como emoções primárias Goleman considera a ira, tristeza, medo, prazer, amor, surpresa, nojo, vergonha, culpa.²⁸ Nesta reflexão, não há como abordar suas ramificações, mas é interessante pensar que as emoções citadas são realmente “individuais”. Nem todas são negativas, algumas são buscadas com diligência pelas pessoas, porém não podem ser relacionadas a um grupo. Geralmente, trazem um comportamento simplificado, com ações carregadas de certeza, tendendo a ações imediatas, pois “a mente emocional é muito mais rápida, agindo irrefletidamente, sem parar para pensar”.²⁹ Por exemplo, o medo leva a fugir, o amor leva a cultivar, sem racionalizar ou meditar sobre as consequências das ações.

Quando não são externadas, as emoções primárias de tornam um fardo pesado a carregar, principalmente no caso das negativas. A inércia pode se instalar com o tempo. Não se pode deixar que a consciência pessoal fique adormecida. “A moralidade, a sabedoria, a respeitabilidade e o amor precisam de uma base, um significado. Do contrário, atrofiam e se tornam como folhas secas ou como fotografias amareladas na parede”.³⁰ É por isto que se torna importante classificar as emoções primárias individuais, para que se possa tratar das emoções coletivas. Euforia, lágrimas e arrepios podem começar na individualidade e se tornarem parte da comunidade.

2.2 EMOÇÕES COLETIVAS

Quando pessoas se juntam e compartilham situações, elas passam a ser uma multidão, um grupo ou até comunidade. A igreja evangélica em geral é considerada um coletivo de pessoas, todas diferentes, mas que compartilham a experiência de salvação em Jesus e a busca por mais conhecimento bíblico. Idealiza o cuidado pastoral e fraterno, compartilhando suas emoções primárias e buscando compreensão para suas circunstâncias de vida.

²⁴ MORGENTHALER, 2006, p. 233.

²⁵ GOLEMAN, 2012, p. 303.

²⁶ CRABB, Larry. *De dentro para fora*. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1992, p. 61.

²⁷ CRABB, 1992, p. 82-83.

²⁸ GOLEMAN, 2012, p. 303.

²⁹ GOLEMAN, 2012, p. 305.

³⁰ ROOKMAAKER, 2015, p. 223.

Sem dúvida, há nos trabalhos evangélicos coletivos uma busca pelo que Reinke chama de “espetáculos compartilhados”. Sua afirmação é interessante: “O que mantém nossa cultura unida já não são as crenças compartilhadas, e sim os espetáculos compartilhados”.³¹ Em outras palavras, o que mantém comunidades evangélicas unidas seria a emoção sentida por assistir e vivenciar os mesmos *shows*. É de se questionar, de acordo com Reinke, quantos espetáculos agradáveis aos olhos e ouvidos deveriam ser incluídos nos ajuntamentos cristãos? “Quantos jogos de luz e fumaça, quantos amplificadores, quão elaborados panos de fundo, as plataformas e os púlpitos, a arte e os projetores de vídeo?”³²

As emoções coletivas também apresentam outra característica: são contagiantes. Há intercâmbio de transmissão e captação, chamado por Goleman de “intercâmbio emocional”. É bem possível que “imitemos as emoções que vemos exibidas em outra pessoa. (...) Através desta imitação, as pessoas recriam em si o estado de espírito da outra”.³³ Choro, riso e alegria passam de uma pessoa para outra facilmente.

Há duas ameaças que cercam os eventos coletivos que enfatizam a emoção. A primeira, abordada por Beale, é o desvio de atenção do próprio Deus a ser adorado, pois “quando as pessoas, condicionadas pelo ambiente físico, concebem e criam uma imagem relativa à divindade, elas têm a atenção desviada da verdadeira natureza espiritual de Deus”.³⁴ Muitas das emoções coletivas têm criado esta falsa imagem de um Deus emocional, que deverá se adaptar aos pensamentos e desejos humanos.

A segunda ameaça que paira sobre a moção coletiva é destacada por Reinke, e tem a ver com passividade e com insensibilidade. De acordo com o autor, “Embora estejamos no controle de nossos espetáculos particulares, também nos tornamos mais passivos a eles”. Há o olhar preguiçoso e indiferente que “se contenta em ser alimentado pelos fabricantes de espetáculos”.³⁵

A reflexão a respeito das emoções coletivas geradas durante os eventos e cultos evangélicos não pretende barrar os numerosos recursos midiáticos sonoros que se multiplicam neles. Muitos deles são também instrumentos que Deus usa, dirigidos e planejados por pessoas consagradas ao serviço do Reino. Mas, quando o maior investimento de tempo e dinheiro é a produção externa de efeitos para produzir lágrimas, arrepios e euforia, é necessária a reavaliação das motivações do agrupamento.

3. AS EMOÇÕES NA BÍBLIA

A Palavra de Deus apresenta muitos momentos de intensa emoção, tanto para indivíduos quanto para a comunidade do povo de Israel, no Antigo Testamento, quanto a Igreja Primitiva, no Novo Testamento. Há um motivo e uma razão bem forte para tal, pois, de acordo com Shedd, “nós, seres humanos, fazemos nosso contato com o mundo concreto por meio dos sentidos”. Olhos, ouvidos, vibrações no ar, paladar, olfato, tato, tudo recebe uma classificação: bom ou ruim.³⁶

Este fato é ainda mais relevante caso se leve em consideração a impossibilidade da criação humana de efeitos especiais eletrônicos, por exemplo. Também nenhuma palavra escrita estava completa até então. As experiências emocionais individuais e coletivas eram necessárias para conhecer e confirmar a vontade de Deus.

3.1 AS EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS INDIVIDUAIS

Muitos personagens da história bíblica passaram por momentos individuais emocionantes,

³¹ REINKE, 2020, p. 77.

³² REINKE, 2020, p. 127.

³³ GOLEMANN, 2012, p. 135-136.

³⁴ BEALE, G. K. **Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria**. Tradução de Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 19.

³⁵ REINKE, 2020, p. 44.

³⁶ SHEDD, Russell. **Adoração bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 31.

nos quais Deus falou através de anjos, de sonhos, de visões ou de vozes e luzes. Houve obediência incondicional quando Deus falou com Noé (Gn 6-9), com Abraão (Gn 12). Momentos emocionantes foram presenciados pelos dois personagens. O dilúvio teve a ação da mão direta de Deus. E Abraão recebeu dois anjos, presenças de Deus em sua casa, e, além de receber promessas quanto ao nascimento de seu herdeiro, intercedeu emocionadamente pela salvação de Ló, na iminência da destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 18). Diferentemente, Jacó reconheceu a presença do Senhor através de um sonho (Gn 28.16-17), José, no Egito, interpretou corretamente sonhos pela intervenção direta da voz de Deus (Gn 40 e 41).

A mais emocionante experiência individual parece ter sido a de Moisés. Além da longa conversa com Deus brilhando no meio da sarça ardente (Êx 3), ele mesmo se considerava inadequado para a missão que lhe seria concedida. De acordo com Wiersbe, Moisés deve ter ficado estarrecido. “Por que Deus escolheria um fracassado?”³⁷ Foi uma emoção negativa, porém, com o tempo, Moisés foi aprovado como líder libertador em muitos outros encontros cheios de emoção. Todas as instruções a respeito dos mandamentos e leis foram recebidas pessoalmente de Deus. A Bíblia afirma que o Senhor falava “face a face” com Moisés, “como qualquer um fala com seu amigo” (Êx 33.11). Não eram visões, nem sonhos, mas sim diálogo real com o Senhor, individualmente.³⁸ Nestas conversas, muitas emoções diferentes eram expressas: desde queixas a respeito do comportamento do povo, até desânimo e vontade de desistir da missão. Estes encontros proporcionaram a Moisés “um coração quebrantado e um rosto resplandecente”.³⁹

Encontro cheio de emoção foi também o do profeta Isaías, quando de sua visão do trono de Deus, no templo (Is 6). O profeta sentiu o peso do seu pecado e do pecado do povo no meio do qual vivia, sentiu ser purificado pelo serafim e ainda recebeu a ordem divina de uma missão difícil: pregar a um povo de coração insensível (v. 10-11). Mas a “voz do Senhor”, não a de um anjo, o encorajou e transformou a emoção negativa de medo para uma emoção positiva de coragem e entusiasmo.⁴⁰

Emocionantes foram: o encontro de Maria com o anjo Gabriel (Lc 1.26-38), dos discípulos com Jesus ressurreto, de Tomé reconhecendo sua incredulidade (Jo 20.27), ou de Saulo (Paulo) no caminho de Damasco (At 9. 1-9). A Bíblia não nega a capacidade e necessidade humana de sentir emoções. Certamente, em todos estes casos, o cérebro dos personagens foi completamente tomado de adrenalina, a amígdala cerebral esteve inflamada, e nestes momentos de grande importância, Deus tomou conta de suas mentes e construiu histórias pessoais e coletivas importantes. Não se pode esquecer que as pessoas “estão desesperadas por elementos fortes que conectem visões de vida, experiências, costumes e relatos em comum”.⁴¹

Também não se pode esquecer que as pessoas, individualmente, sempre “refletirão alguma coisa, seja o caráter de Deus, seja algo do mundo. Se elas se dedicarem a Deus, serão como ele; mas se se dedicarem a algo diferente de Deus, ficarão semelhantes a isso (...)”.⁴² Sendo assim, é importante que as emoções individuais sejam realmente reflexo de encontros reais com Deus, considerando-o Senhor e único Salvador. Isto será transmitido na ação do Espírito Santo na comunidade.

3.2 AS EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS DO POVO DE DEUS

Israel, como povo de Deus, formado a partir dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, constantemente lembrados pelo Senhor como aliança indestrutível, para crer plenamente em sua missão, passou por

³⁷ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Pentateuco. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008, vol. 01, p. 238.

³⁸ **BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA**. Almeida Revista e atualizada. Barueri: SBB, 2017, p. 156.

³⁹ WIERSBE, 2008, vol. 1, p. 322.

⁴⁰ **BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA**, 2017, p. 1094.

⁴¹ MORGENTHALER, 2006, p. 233.

⁴² BEALE, 2014, p. 281.

muitos momentos emocionantes. Forte sentimento de revolta e rejeição esteve com ele durante a escravidão no Egito (Êx 1) Haviam passado por diversas dinastias dos faraós, mas o grande número de israelitas não agradou ao novo Faraó, que começou a perseguição a eles.⁴³ Assim, o povo passou por sofrimento, descrença, admiração, até finalmente, conseguir sair milagrosamente do Egito, atravessar o Mar Vermelho em uma ação direta de Deus (Êx 14.15-25). Certamente, todos estavam com a corrente sanguínea repleta de adrenalina, coração pulando, pressão sanguínea alterada, tendo duas paredes de água ao lado do caminho.

A travessia foi realizada, houve louvor, porém o povo era inconstante em suas emoções. Reclamava e esquecia-se de milagres maravilhosos. Estas emoções muitas vezes refletiam também no seu líder. Ainda assim, Deus concedeu uma maravilhosa demonstração de poder ao deixar ver sua glória de longe, no monte Sinai (Êx 19.16-25). Certamente, houve temor coletivo em ouvir aqueles sons, pois “o poder e a majestade de Deus eram esmagadores, causando medo nos corações de todos os que lá estavam”.⁴⁴

A emoção, em outro caso, tomou conta do povo quando o profeta Elias acendeu o fogo no altar a Deus, na presença de quatrocentos profetas de Baal (1Rs 18), seguido do milagre de uma grande chuva, depois de prolongada seca. Porém, nem sempre os momentos emocionantes são guardados na memória. Tudo foi rapidamente esquecido. Beale afirma categoricamente e repetidamente em sua obra que “as pessoas se parecem com o que veneram seja para sua ruína, seja para sua restauração”.⁴⁵ Como Israel tantas vezes confiou em deuses falsos e inconstantes, estes refletiram a instabilidade em seu viver diário.

No Novo Testamento, o povo judeu foi o que menos creu em Jesus como o Cristo prometido. Multidões se emocionavam ao segui-lo, vendo seus milagres. Eram beneficiados por eles, como na multiplicação de pães e peixes ou na apreciação de muitos milagres de cura. Jesus, nas Bodas de Caná não se revelou publicamente, mas trouxe alegria e alívio aos presentes, misturado com certa curiosidade (Jo 2.1-10). Houve emoção ao ver a morte de Jesus, com medo e decepção. E houve espanto na ascensão de Jesus, rodeado de nuvem e dois anjos, símbolo conhecido do Antigo Testamento como “presença imediata e majestosa de Deus”.⁴⁶

Poucos dias depois, a emoção de muitas pessoas ficou evidente, pois no chamado “Dia de Pentecostes”, os discípulos foram batizados com o Espírito Santo (At 2.1-13), causando admiração e ceticismo aos que presenciaram o milagre. A ação do Espírito Santo está muito relacionada ao trabalho da igreja evangélica, e, de fato, é motivo e estudo o efeito emotivo que causa em diversas pessoas.

3.3 AS EXPERIÊNCIAS EMOCIONAIS NA ATUALIDADE

Goleman afirma que “quanto mais forte a emoção, maior nossa fixação. Os sequestros emocionais são a supercola da atenção. Mas a questão é: por quanto tempo nosso foco se mantém capturado?”⁴⁷ Esta é a grande questão na atualidade. Emoções atuais são fortes e muito passageiras, dificilmente profundas por muito tempo.

Há buscas crescentes, que atraem grande parte dos trabalhos cristãos para o lado emocional. Guedes avalia o panorama afirmando que “os protestantes ditos históricos precisam se ‘reconciliar’ com o Espírito Santo, conforme expresso nas Sagradas Escrituras”.⁴⁸ Sim, as experiências emocionais também são importantes, pois Deus mesmo as criou. Entretanto, não poderão ser o centro de cada

⁴³ WIERSBE, 2008, vol. 1, p. 234.

⁴⁴ BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA, 2017, p. 131.

⁴⁵ BEALE, 2014, p. 16.

⁴⁶ BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA, 2017, p. 1807.

⁴⁷ GOLEMAN, 2014, p. 46.

⁴⁸ GUEDES, Rivalino Segundo. Um novo jeito de ser protestante no Brasil. In: ZÁGARI, Maurício (org.). **Uma nova Reforma: 500 anos, o que precisa mudar?** São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 175.

reunião do povo de Deus. Shedd afirma que “alegrar-se no Senhor” deve ter destaque coletivo. “Um culto que não cria emoção desejável não deixa de ser contraproducente, porque forma paulatinamente um calo que irrita”.⁴⁹

Mas esta emoção não deve vir de exterioridades, segundo o mesmo autor. Deve-se lutar conscientemente contra elas. “As exterioridades corroem qualquer prática bem-intencionada ou inocente, seja a de bater palmas, ajoelhar-se, ficar em pé, levantar-se ou sentar-se num banco de igreja”.⁵⁰ Bater palmas ou ajoelhar-se pode ser movido por uma emoção de alegria ou reverência, porém não pode ser falso ou automático. Sentar-se ou levantar-se pode ser um hábito ou tradição, que não são as motivações certas, pois deveriam ser reverência sincera e calma no estudo da Palavra.

Várias igrejas atuais se formam atualmente sem denominação formal. Hughes afirma ter participado destas “igrejas livres”, e percebeu algumas características. Geralmente há emoções no fluxo de palavras sem sentido, em tons murmurados chamados por ele de “cannabis”, música em estilo de mantra hipnotizando os participantes. Pregadores “animadores” comunicam “barbitúricos entrelaçados com uma série de histórias relacionais”.⁵¹ Embora estas afirmações pareçam sarcásticas e até mesmo cruéis, refletem bastante da realidade. O mesmo autor se refere a este fenômeno como “queda livre rumo ao pragmatismo”, com cânticos selecionados de acordo com o efeito que produzirão, e não quanto ao conteúdo.⁵²

Shedd adverte para que “os cristãos, ao se reunirem na igreja ou no lar, devem tão somente cuidar para que cada ato gire em torno da Palavra de Deus ouvida, discernida e obedecida”.⁵³ É a Palavra, movida nos corações através do Espírito Santo, que deverá trazer as emoções certas, tanto para o grupo de cristãos reunidos, como para o indivíduo. Há muitas informações no ambiente, e o excesso delas trazem um cansaço vindo de máquinas, tecnologia, velocidade e meios de comunicação. Novos modelos requerem novas formas e novos padrões de pensamento.⁵⁴

Ao mesmo tempo, de acordo com Rookmaaker, “O protesto da nova geração é contra essa falha de compromisso, essa falta de valores reais, essa falta de ‘ousadia para viver’. A superficialidade e o vazio são assustadores”.⁵⁵ Talvez este seja o motivo para a busca de tão fortes impulsos externos, como sons e luzes assustadores ou impressionantes, muitas formas de prender a atenção do público, exageradas frases repetidas em relação a sentimentos próprios. A busca é válida, porém não pode ser artificial nem suplantará a busca pelo próprio Espírito Santo, falando ao coração humano através de emoções diversas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçar uma reflexão séria a respeito da utilização das emoções que produzem euforia, arrepios e lágrimas nos eventos evangélicos não é fácil nem definitivo. Trata-se de desafio, de fato, algo para pensar. Desta forma, a análise fisiológica da formação das mais diversas emoções no corpo humano é necessária. Tratar com elas é delicado, e não se pode esquecer do fato de que há determinados ambientes que são calculados para trazerem emoções à flor da pele.

Para que isto aconteça, além de músicas, luzes e outros fatores sensoriais, a mente humana guarda depósitos de lembranças e associações, algumas agradáveis e felizes, mas grande parte delas tristes ou até traumáticas. Portanto, incentivá-las pode não ser sempre uma boa ideia.

⁴⁹ SHEDD, 1987, p. 63.

⁵⁰ SHEDD, 1987, p. 127.

⁵¹ HUGHES, R. Kent. O culto na igreja livre. In: CARSON D. A. (Org). **Louvor**: análise teológica e prática. Tradução de Wilson de Almeida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 138.

⁵² HUGHES, 2017, p. 147.

⁵³ SHEDD, 1987, p. 41.

⁵⁴ ROOKMAAKER, 2015, p. 145-146.

⁵⁵ ROOKMAAKER, 2015, p. 224.

Os tipos de emoção também são importantes, mesmo quando já estão ocorrendo. Sua classificação é fundamental para a compreensão do que está acontecendo, tanto individualmente como em grupos, grandes ou pequenos. Certamente que Deus pode falar aos corações a cada momento, porém, nesta ocasião de fragilização da mente, o inimigo também pode tentar ceifar os frutos pretendidos.

As emoções descritas na Bíblia são exemplos disto. Jamais Deus proibiu a expressão da alma humana. Os Salmos, por exemplo, estão cheios de frases de dor, de lamento, de tristeza. Mas também há o “derramar da alma” ao Senhor, que recupera as emoções negativas e as transforma em “alegres cânticos de louvor” (Sl 30.11-12).

O grande desafio da expressão de emoções junto aos cultos e eventos evangélicos atuais é a não transformação dela em “emocionalismo”. A diferença entre emoção e emocionalismo parece ser a fonte exterior, a manipulação, o ambiente forçado para tal. O Espírito Santo não precisa destes recursos para agir. Deus espera que líderes consagrados dediquem todos os recursos de mídia, áudio, som e luzes para sua obra, sem agir como o povo de Israel, que afirmou no deserto, junto ao bezerro de ouro: “Este é o deus que nos tirou do Egito”. Assim, atualmente, “estes são os recursos emocionais que fazem as pessoas se arrepiar, chorar e se alegrar”. Duramente, seria mais um ídolo formado, que faz esquecer que “todo o poder pertence a Deus” (Sl 62.11).

REFERÊNCIAS

BEALE, G. K. **Você se torna aquilo que adora**: uma teologia bíblica da idolatria. Tradução de Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA. Almeida Revista e atualizada. Barueri: SBB, 2017.

COQUEREL, Patrick Ramon Stafin. **Neuropsicologia**. Curitiba: Ibplex, 2011.

CRABB, Larry. **De dentro para fora**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1992.

GOLEMAN, Daniel. **Foco**: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Tradução de Cássia Zanon. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 2.ed. Tradução de Fabiano Morais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GUEDES, Rivalino Segundo. Um novo jeito de ser protestante no Brasil. In: ZÁGARI, Maurício (org). **Uma nova Reforma**: 500 anos, o que precisa mudar? São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

HUGHES, R. Kent. O culto na igreja livre. In: CARSON D. A. (Org). **Louvor**: análise teológica e prática. Tradução de Wilson de Almeida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LUIZ, Gesse. **Caminhos e descaminhos na história da liturgia cristã**. Curitiba: ADSantos, 2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MORGENTHALER, Sally. Adoração emergente. In: BASDEN, Paul. **Adoração ou Show?** Críticas e defesas de seis estilos de culto. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Vida, 2006.

REINKE, Tony. **A guerra dos espetáculos**: o cristão na era da mídia. Tradução de Vinícius Pimentel. São José dos Campos: Fiel, 2020.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamin Delgado Fernandes. Viços: Ultimato, 2015.

SAYÃO, Luiz. O filosemitismo e a Reforma Protestante. In: ZÁGARI, Maurício (org.). **Uma nova reforma: 500 anos, o que ainda precisa mudar?** São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

SHEDD, Russell. **Adoração bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 1987.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Pentateuco.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008. Vol. 01.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*